

Discriminação racial

O tema volta, constantemente, e, de certo modo, não é mau que assim ocorra, em face da sua extraordinária significação em nossa História. Agora mesmo dois jovens poetas, Wilmar Alves Ribeiro e José Rossini Campos Corrêa, se dispõem, conforme declararam ao DIÁRIO, à semana passada, realizarem um amplo estudo da ascensão social do negro brasileiro, procurando, entre outras coisas, demonstrar a farsa dos que afirmam não haver discriminação racial no Brasil. Eis aí um ponto que merece reflexão.

Incentivamos os jovens autores a prosseguir no estudo planejado — é sempre estimulante observar a seriedade com que alguns moços se debruçam sobre nossos problemas — mas, com a devida vênia, pediríamos permissão para uma pequena observação. Não esqueçam os jovens estudiosos que ainda não decorreu um século da libertação do negro e, como disse Antonil, o colonialismo foi mesmo o inferno dos pretos.

Livres, partiram da estaca zero, num País subdesenvolvido, para conseguirem se afirmar socialmente. E isso é o drama da pobreza, não é o drama da cor. Ao afirmarem que não se encontram negros em altos cargos federais é preciso que os nossos poetas recordem que não somos uma Nação nem de brancos,

nem de negros, nem de índios. Amparem-se num bom antropólogo e verão como o mulatismo enriquece a nossa política, literatura, arte, religião. O negro brasileiro não é uma categoria social à parte. Está dentro de nós, como expressão física, no nosso sangue e carne e está no cerne de nossa cultura como sentimento e alma.

Somos um povo africanizado, tupinizado, como escreveu, certa vez, J. H. Rodrigues. A discriminação que atinge o nosso negro — salvo exemplos individuais, sem expressão sociológica — é a mesma que atinge qualquer brasileiro pobre. Temos um certo temor quando observamos uma espécie de trabalho subterrâneo, no Brasil atual, tentando criar, entre nós, tensões e luta raciais. Movimento "black", ruas de pretos, clubes fechados e quejandos, soam-nos como música exótica, espécie de ritmo que está sendo importado e exportado.

Preconceitos sempre existirão, de alguma espécie, tal é a natureza humana nas suas fraquezas. Procurar discriminação racial como atitude coletiva significante no nosso País parece-nos demasiadamente forte. Preferimos a perspectiva mais histórica e revolucionária de Gilberto Freyre: a de que caminhamos para uma meta-raça, uma página nova da História humana.

EMETUR diz que escolas são dispensáveis, p. a5.

Emetur diz que escolas são dispensáveis



Reginaldo Guimarães diz que o Carnaval não perde em animação sem Limonil ou Estudantes

A ausência das escolas de samba Estudantes de São José e Limonil não influíram na animação no carnaval recifense deste ano, segundo anunciou o presidente da Empresa Metropolitana de Turismo, Reginaldo Guimarães, acrescentando que outras duas escolas — Gigantes do Samba e Império do Samba — têm condições de arrematar animação das passadas que se deslocaram à Avenida Dantas Barreto para participar das desfilas promovidas pela Prefeitura Municipal.

Observa que "os recursos recolhidos não são elevados, porém a Prefeitura do Recife não dispõe de condições, no momento, para investir mais de Cr\$ 1 milhão 200 mil nas festas carnavalescas. Além disso, dentro deste plano, há de conter as despesas empreendedidas pelo prefeito Antônio Farias, mesmo aproveitando a iluminação utilizada no natal passado.

LIBERAÇÃO

Adiantou ainda que "até o dia 15 estaremos liberando a primeira parcela dos recursos destinados às escolas de samba, blocos, escolas de maracatu. A outra metade esperamos que possa ser paga até o final deste mês. O prefeito Antônio Farias tem se empenhado em

oferecer o melhor carnaval possível aos recifenses. O que é preciso compreender é que tudo tem de ser feito dentro das reais possibilidades. Não restam dúvidas de que Cr\$ 1 milhão e 200 mil é uma soma considerável. E é este dinheiro que vamos investir nas preparações de rua".

Participarão do carnaval recifense este ano: Escolas de Samba — 1a. categoria — 2; 2a. categoria — 5; 3a. categoria — 6; 4a. categoria — 12; Urus — 9; Bol — 2; Caboclinhos — 1a. categoria — 6; 2a. categoria — 8; Blocos — 1a. categoria — 2; 2a. categoria — 4; Troças — 1a. categoria — 5; 2a. categoria — 7; 3a. categoria — 17; Maracatu — Bique Virado — 6; Bural — 6.

Os prêmios desfilados pela Prefeitura para os desfilantes do carnaval de rua são: Escolas de Samba — 1a. categoria — Cr\$ 24 mil; 2a. categoria — Cr\$ 10 mil; 3a. categoria — Cr\$ 8 mil; 4a. categoria — Cr\$ 4 mil 500; Blocos — 1a. categoria — Cr\$ 28 mil; 2a. categoria — Cr\$ 21 mil; Blocos — 1a. categoria — Cr\$ 23 mil; 2a. categoria — Cr\$ 14 mil; Troça — 1a. categoria — 10 mil; 2a. categoria — Cr\$ 12 mil; 3a. categoria — Cr\$ 8 mil; Maracatu — Bique Virado — Cr\$

8 mil; Bural — Cr\$ 4 mil 500; Caboclinho — 1a. categoria Cr\$ 8 mil; 2a. categoria — Cr\$ 4 mil; 3a. categoria — Cr\$ 3 mil 500.

Muito embora ainda não tenham sido anunciados os nomes dos integrantes da Comissão Julgadora das desfilas, eles representam a Emetur, Prefeitura, Juvenos do Estado, Câmara Municipal, Associação Comercial, Clube dos Dirigentes Lutas, Federação Carnavalesca e Federação das Indústrias.

ITINERÁRIO

Reginaldo Guimarães acredita que durante o dia de hoje será possível definir o itinerário que será cumprido pelos veículos durante o período carnavalesco. A determinação do chefe do Executivo Municipal é no sentido de que "deve possuir contar esse ano com um dos melhores carnavais de sua existência".

— Nesta quinta-feira teremos, no Pólo de São Pedro a lançamento do long-play, contendo as duas músicas melhores classificadas no X Concurso de Músicas Carnavalescas que a municipalidade promoveu recentemente, como uma forma de manter inventiva os novos compositores e artistas. O disco será comercializado no Nordeste.

“Estudantes” diz que não desfila, p. a5

“Estudantes” diz que não desfila

“A Escola de Samba Estudantes de São José não desfilará no carnaval deste ano por não ter a Empresa Metropolitana de Turismo atendido às nossas reivindicações, principalmente aquelas que dizem respeito à equiparação das nossas verbas com as dos clubes considerados como de primeira categoria”, declarou o seu presidente, radialista Waldeck Mélo.

Na sua opinião, “a Emetur parece não ter dado muita importância às ausências das Escolas de Samba Estudantes de São José e Limonil nos desfiles do carnaval deste ano. A diretoria da empresa, entretanto, precisa entender que nas segundas-feiras as passarelas da Av. Dantas Barreto sempre foram assaltadas por grande número de pessoas ansiosas para assistir os nossos desfiles.”

Waldeck Mélo insinuou que a Emetur reconhece tanto a ausência das Escolas Estudantes de São José e Limonil que, este ano, em cada noite de carnaval desfilará apenas uma escola de samba, o que certamente servirá apenas para tirar o maior sucesso daquele que é sem dúvidas a maior festa do brasileiro e especialmente do pernambucano, que sempre se caracterizou por sua adesão ao samba, ao frevo.”

— Acho que a Emetur pretende, na verdade, é acabar de uma vez por todas com as noites de samba das segundas-feiras. O melhor exemplo dessa nossa declaração reside no fato de que agora em 1978 não teremos as presenças da Estudantes de São José e da Limonil. O público que for prestigiar o desfile da Av. Dantas Barreto será, indis-

cutivelmente, o maior prejudicado com a nossa ausência. A culpa, entretanto, caberá à Emetur, por não querer equiparar as nossas verbas as dos clubes carnavalescos. Não encontramos motivos para justificar essa discriminação. As nossas despesas coincidem com as de qualquer clube. Então, por que continuar havendo essa diferenciação na hora em que o dinheiro é distribuído?

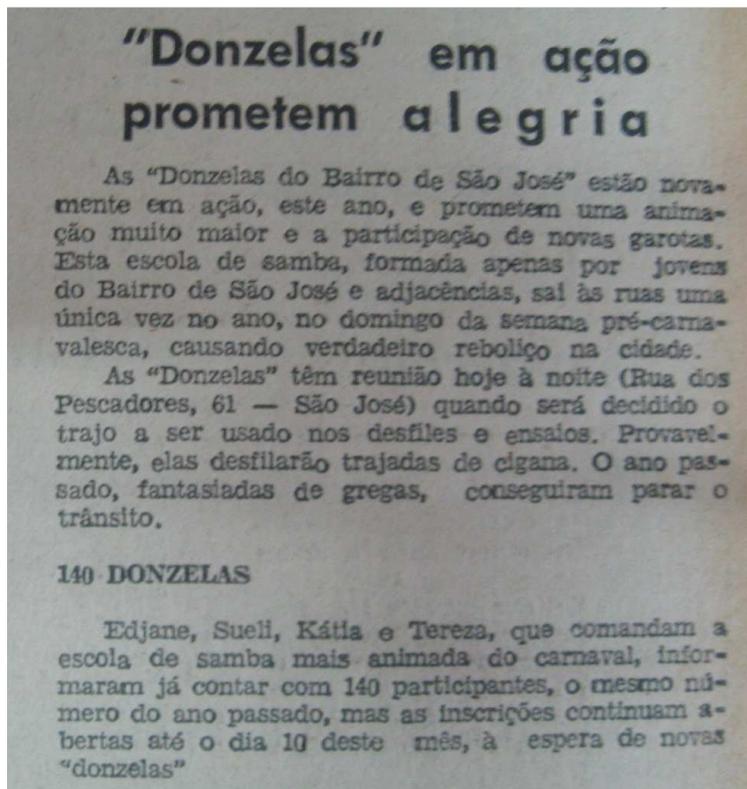
CONSCIENTIZAÇÃO

Para Waldeck Mélo é chegado o momento dos diretores das escolas de samba se mentalizarem e procurarem defender melhor os interesses de suas agremiações porque, se houve alguma evolução no samba, essa evolução se deve a eles mesmos. Hoje o samba domina, hoje o público vai às

passarelas para assistir um desfile de escolas de samba. A quem se deve isso? Claro que a nós mesmos.

— Não é por causa de débitos que Estudantes de São José deixará de desfilas. Se fosse em decorrência de débitos, jamais ela teria saído às ruas. Os diretores, conselheiros e os próprios componentes sempre souberam assumir os compromissos da escola. Se dependéssemos das verbas oficiais também aconteceria a mesma coisa, porque elas sempre foram insuficientes. Agora, mesmo sem sair no carnaval, vamos realizar as noites de sambão. Não podemos deixar que os nossos associados fiquem prejudicados. Só digo uma coisa: é lamentável essas discriminações, culminando com a nossa ausência nos desfiles deste ano.”

“Donzelas” em ação prometem alegria, p. a5.



Gigantes lembra o passado

A Escola de Samba "Gigante do Samba", que desfilará no carnaval com mais de duas mil pessoas, irá prestar uma homenagem aos velhos sobrados da cidade, à dona Santa e à Igreja do Rosário, entre outros monumentos e personagens que identificam o Recife de antigamente.

"E o Vento Levou", de autoria de Paulo Lima, será o tema do samba-enredo da escola. Segundo o presidente Valdecio Melo, "o nosso objetivo é conquistarmos um título de campeão do carnaval do Recife. O nosso último troféu foi arrebatado em 73 mas estamos fazendo um esforço considerável para repetir a façanha em 78. Respeitamos os nossos adversários, porém acreditamos mais em nossas condições. Não custa nada esperar para ver".

CARROS ALÉGÓRICOS

Como resultado do trabalho realizado durante todo o ano passado, destacando a realização de sorteios, rifas, sambão, bailes, a escola desfilará na Av. Dantas Barreto com cinco carros alegóricos e 300 alegorias de mão. "Tudo" vem sendo preparado da maneira mais carinhosa possível. Queremos mostrar que temos condições de realizar um carnaval igual ou melhor do que qualquer parte do Brasil", acentuou Valdecio Melo.

A Escola de Samba "Gigante do Samba", que já conta com cinco títulos de primeiro lugar nos carnavais pernambucanos, teve o cuidado, este ano, de melhorar e ampliar a sua bateria. Gravou, ainda, na Tapeçaria o seu samba-enredo, de autoria dos compositores Luizinho e José Luiz.

Esclareceu o presidente da escola que sem nenhum desmerecimento para os demais concorrentes, "acreditamos que será difícil de mais encontrarmos, em 78, um samba-enredo igual ao nosso. O Luizinho e o José Luiz capricharam bastante e o resultado é que a música saiu muito bonita. Não temos dúvidas de que será a mais cantada pelos pernambucanos.

Estamos que será difícil des-
Falando ainda sobre os trabalhos realizados para arrecadação de verbas, Valdecio Melo acrescentou: "todas as sextas-feiras, com início às 22 horas, estamos realizando sambão na sede do América. É uma maneira de a gente testar as condições do pessoal e, ao mesmo tempo conseguir uns trocados para ajudar nas despesas com preparativos para o desfile nos dias de carnaval. A afluência de público tem sido a melhor possível. Como o período do carnaval já está chegando, acreditamos que a partir desta sexta-feira, o movimento será aumentado de forma significativa".

Diário de Pernambuco 08/01/1978

O negro na sociedade brasileira: integrado ou apenas tolerado? P. d5.



O negro na sociedade brasileira: integrado ou apenas tolerado?

Armando Horta

Em 1955, a União Democrática da Criança realizou um estudo sobre a situação social e econômica dos negros em São Paulo. O estudo foi baseado em pesquisas realizadas em 1953, com a participação de 100 famílias de negros, brancos e mestiços. Os resultados revelaram que os negros estavam em condições de vida muito mais precárias do que os brancos e mestiços. A maioria dos negros vivia em áreas periféricas da cidade, com acesso limitado a serviços públicos e oportunidades de emprego. Além disso, muitos negros enfrentavam discriminação no trabalho e na sociedade em geral.

Apesar de não ser "negro" em si mesmo, o brasileiro branco e mestiço tem sido tratado como tal desde a chegada dos portugueses. Isso se deve ao fato de que a sociedade brasileira foi formada por uma mistura de povos de diferentes origens, resultando em uma população predominantemente mestiça. No entanto, a discriminação baseada na cor da pele persistiu ao longo da história, afetando especialmente os indivíduos de ascendência negra.

Em termos econômicos, os negros estavam em uma posição desvantajosa. Muitos trabalhavam em empregos de baixa qualificação e baixa remuneração, enquanto os brancos e mestiços tinham acesso a melhores oportunidades de emprego e salários mais altos. Além disso, os negros tinham menos acesso à educação e aos serviços de saúde, o que afetava sua capacidade de melhorar sua situação econômica.

Embora a situação dos negros em São Paulo fosse preocupante, não era uniforme. Alguns indivíduos de ascendência negra haviam alcançado sucesso econômico e social, graças a fatores como educação, talento e oportunidades. No entanto, a maioria dos negros continuava a viver em condições de pobreza e discriminação, o que exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica.

Em 1955, a situação dos negros em São Paulo era preocupante. Embora houvesse alguns indivíduos bem-sucedidos, a maioria dos negros vivia em condições de pobreza e discriminação. Isso exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica. A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra.

SEU O PRIMEIRO PARA SER PRESERVADO?

Um estudo de um grupo de pesquisadores brasileiros revelou que os negros estavam em condições de vida muito mais precárias do que os brancos e mestiços. A maioria dos negros vivia em áreas periféricas da cidade, com acesso limitado a serviços públicos e oportunidades de emprego. Além disso, muitos negros enfrentavam discriminação no trabalho e na sociedade em geral.

URUBANDA, A UNÇÃO APARENTE DE BRANCOS E NEGROS

Os habitantes de Urubanda, cidade localizada no interior de Minas Gerais, vivem em uma situação social e econômica precária. Apesar de serem predominantemente brancos, muitos habitantes enfrentam dificuldades econômicas e sociais semelhantes às das comunidades negras em outras partes do Brasil.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Uma das maneiras de entrar na unção de brancos e negros é através da educação. Muitos indivíduos de ascendência negra conseguiram melhorar sua situação econômica e social graças a uma boa educação e a oportunidades de emprego em áreas de maior desenvolvimento.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Outra maneira de entrar na unção de brancos e negros é através do talento e da oportunidade. Alguns indivíduos de ascendência negra conseguiram alcançar o sucesso econômico e social graças a suas habilidades e a oportunidades que se apresentaram ao longo de suas vidas.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra. Isso exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica. A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Uma das maneiras de entrar na unção de brancos e negros é através da educação. Muitos indivíduos de ascendência negra conseguiram melhorar sua situação econômica e social graças a uma boa educação e a oportunidades de emprego em áreas de maior desenvolvimento.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Outra maneira de entrar na unção de brancos e negros é através do talento e da oportunidade. Alguns indivíduos de ascendência negra conseguiram alcançar o sucesso econômico e social graças a suas habilidades e a oportunidades que se apresentaram ao longo de suas vidas.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra. Isso exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica. A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Uma das maneiras de entrar na unção de brancos e negros é através da educação. Muitos indivíduos de ascendência negra conseguiram melhorar sua situação econômica e social graças a uma boa educação e a oportunidades de emprego em áreas de maior desenvolvimento.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Outra maneira de entrar na unção de brancos e negros é através do talento e da oportunidade. Alguns indivíduos de ascendência negra conseguiram alcançar o sucesso econômico e social graças a suas habilidades e a oportunidades que se apresentaram ao longo de suas vidas.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra. Isso exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica. A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Uma das maneiras de entrar na unção de brancos e negros é através da educação. Muitos indivíduos de ascendência negra conseguiram melhorar sua situação econômica e social graças a uma boa educação e a oportunidades de emprego em áreas de maior desenvolvimento.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Outra maneira de entrar na unção de brancos e negros é através do talento e da oportunidade. Alguns indivíduos de ascendência negra conseguiram alcançar o sucesso econômico e social graças a suas habilidades e a oportunidades que se apresentaram ao longo de suas vidas.

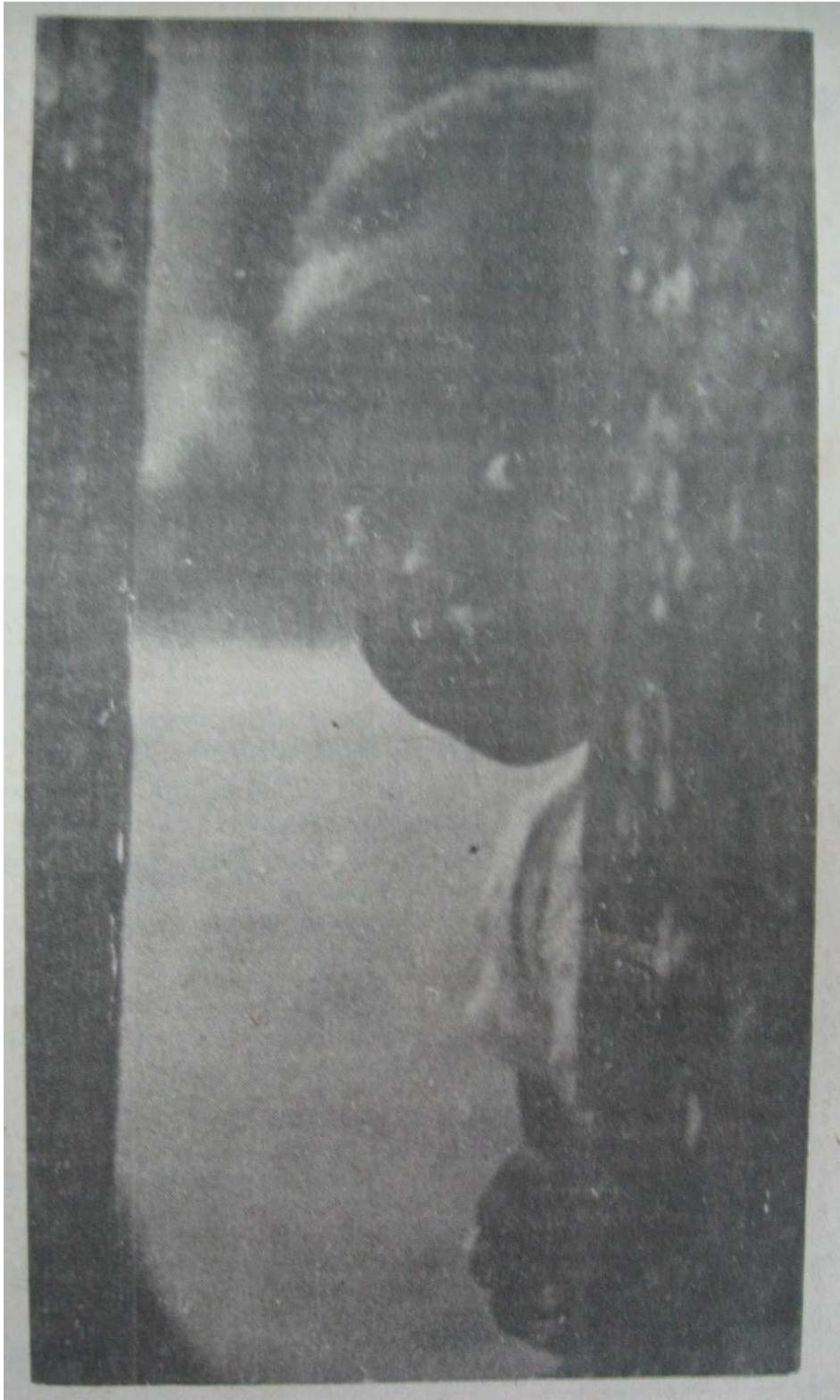
COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra. Isso exigia ações coletivas para promover a integração social e econômica. A luta por direitos civis e igualdade de oportunidades tornou-se uma prioridade para a comunidade negra.

COMO SE ENTRA NA UNÇÃO DE BRANCOS E NEGROS?

Uma das maneiras de entrar na unção de brancos e negros é através da educação. Muitos indivíduos de ascendência negra conseguiram melhorar sua situação econômica e social graças a uma boa educação e a oportunidades de emprego em áreas de maior desenvolvimento.





Quando, em 1950, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizou o último censo em que a população foi dividida conforme a cor da sua epiderme, existiam 316.122 pernambucanos negros, representando 9,31 por cento da população total do Estado. Atualmente com quase seis milhões de habitantes, pode-se considerar como sendo de aproximadamente 800 mil pessoas a população negra desse Estado que teve na escravatura a grande força de mão-de-obra para seus engenhos de açúcar, até o século passado.

Marcelino de Campos Quaresma tem para vender hum escravo de nação Angola, bem feito e ainda sem buço, muito possante e fiel: quem quiser comprar pode entender-se com o sobrinho na rua do Cotovelo, pouco adiante do becco das Barreiras, ou no Cartório da Fazenda Nacional, onde o mesmo he empregado."

Das páginas de compra e venda dos jornais locais, os negros ascenderam às colunas sociais e manifestações políticas, ganhando especial destaque nas páginas esportivas nacionais e internacionais. De um Estado escravocrata e racista, o Brasil transformou-se, segundo com sociólogos e antropólogos, no "maior laboratório de miscigenação do mundo."

Num ensaio sociológico publicado em 1964 e no qual analisava o problema racial brasileiro, o norte-americano Marvin Harris chegou à conclusão de que no Brasil a pessoa, por mais escura que seja, pode mudar de categoria racial sem mudar de residência. Ela pode ter sucesso econômico e alto status educacional.

No Nordeste, onde maior se fez a miscigenação racial que uniu, num mesmo pote, o branco português, o escravo africano e o indígena brasileiro, não existe propriamente uma "discriminação racial", antes, um preconceito social. Jamais um negro de status elevado é barrado num lugar de elite, as portas permanecem fechadas para os brancos bolsos vazios.

PROJEÇÃO ATRAVÉS DO FUTEBOL: DADÁ JACARÉ

"Nunca tive grandes problemas por ser negro e por isso a posição que consegui com o futebol. Se eu não tivesse apenas o homem Dario José dos Santos, tenho certeza que enfrentaria muitos obstáculos na vida". Ele é conhecido como "Dadá Jacaré" ou "Dario de Aço", o ex-centroavante do Esporte Clube Recife, atualmente na Ponte Preta de São Paulo, vítima que está ocorrendo, de parte das mulheres mais ricas, uma enorme valorização dos "crioulos", embora a questão financeira ainda continue como fator imprescindível ao sucesso da paquera.

Ele exemplifica: "em várias ocasiões, com o carro quebrado para reparos, fui obrigado a andar de táxi. O resultado: as meninas não olhavam mais para mim... Isso demonstra a importância do dinheiro na integração racial - o sujeito pode ser branco e lindo, mas se estiver liso perde para um negro feio e rico." Dario já viajou por toda a Europa e nunca sentiu lá fora, o peso da sua cor, "pelo contrário, as europeias são loucas pelos crioulos". Em termos profissionais, o fato de ser negro só chegou a prejudicá-lo uma vez quando, servindo como soldado no Regimento Escola de Infantaria, no Estado do Rio, teve que enfrentar um superior um tenente que "odiava negros e se aproveitava da sua posição para destacá-los para trabalhos humilhantes". Aceitávamos porque ele tinha a estrela nos ombros - recorda Dario - "mas só fiquei um ano no Exército."

CAPÉ-COM-LEITE DA PRAIA

Nem sempre, porém, o futebol pernambucano é receptivo aos elementos da raça negra. Até a década de 60, quando Eládio de Barros Carvalho era presidente, o Clube Náutico Capibaribe não admitia negros no seu quadro social, quer nas equipes de futebol profissional ou de futebol amador.

O primeiro jogador negro a quebrar o **tabu** do futebol (que justificava como "seleção social" suas práticas de racismo) foi Nino, um garoto que começou no futebol juvenil e acabara por atrair a atenção de todos. Usando uma estratégia que consistiu na colocação de uma fotografia de um garoto branco na ficha de inscrição de Nino, os responsáveis pelo departamento de futebol conseguiram que o presidente do clube assinasse a contratação do jogador.

Dias depois, indo Eládio assistir a um treino, pela presença de Nino e indagou a um dos diri-

gentes quem era "aquele café com leite", recebendo deste a desculpa de que o pessoal ia muito à praia e terminava ficando com uma cor moreninha.

O primeiro técnico negro a ser admitido pelo Clube Náutico foi Gentil Cardoso, considerado por Givanildo Alves (cronista esportivo há 15 anos e autor de um livro sobre a história do futebol pernambucano), como técnico, com a mesma importância que Pelé possui como jogador. Muito querido nos meios desportivos, Gentil Cardoso era uma figura que se destacava junto à torcida dos clubes que dirigia, chegando ao ponto de, após às vitórias da sua equipe, pedir aos jogadores para carregá-lo ao redor do campo, para ser ovacionado pelo povo.

Mesmo reconhecendo a questão de limitação financeira, que torna proibitiva para os negros (geralmente situados nas camadas mais pobres da população) a prática de esportes **de elite** (como esgrima, polo, tênis e esqui aquático, entre outros que exigem equipamento de alto custo), Givanildo Alves acredita existir uma inclinação natural do negro para certos tipos de esportes que exigem maior resistência e malícia.

SER O PRIMEIRO PARA SER RESPEITADO

No carnaval do ano passado a discriminação racial feita pelos clubes pernambucanos e que parecia perdida nos tempos ressurgiu sob a forma de boicote feito pelo Clube Internacional ao radialista e publicitário César Brasil pelo fato deste ser negro.

Trabalhando na Rádio Olinda, César Brasil foi designado para a cobertura dos bailes carnavalescos do Internacional e teve o seu nome incluído na lista dos profissionais que deveriam receber convite do clube. O presidente em exercício do clube, Adalgício Cavalcanti, então alegando não querer "escuridão dentro do Internacional", aprovou todos os nomes da relação enviada pela Rádio Olinda, com exceção apenas do jornalista negro.

Em vista da repercussão tomada pelo caso e temendo represálias por parte da imprensa, a direção do Internacional acabou por voltar atrás e enviou, por intermédio do relações públicas Fernando Barreto, um convite que dava direito a César Brasil de ingressar no clube. "No dia marcado para a realização do Bal Masqué fui ao Internacional e cumpri com o meu dever profissional, sem sofrer qualquer restrição no meu trabalho e sem ver tolhido o meu direito de livre circulação pelo clube", recorda César Brasil, garantindo, no entanto, que "se tivesse levado o caso adiante, não teria havido carnaval no clube nesse ano."

Jornalista há 22 anos, esta foi a primeira ocasião em que César enfrentou problemas profissionais ligados à sua cor. Nem mesmo quando, em 64, esteve nos Estados Unidos a serviço da "Voz da América" e no comando de uma cadeia de 43 emissoras, o fato de ser negro teve influência no tratamento que recebeu. "No Brasil o preconceito racial termina onde começa o sucesso social e este eu consegui seguindo um conselho que me foi dado por um tio: seja sempre o **primeiro** em alguma coisa. O negro que não consegue se destacar em nada está perdido. **Eles** podem não gostar de mim, mas têm que me engolir por causa da minha posição", desabafa César Brasil.

NO CONVENTO, A RECUSA POR SER NEGRA

Conhecido em João Pessoa como **Dom Pelé**, o bispo dom José Maria Pires foi o primeiro negro a atingir essa posição no país, em 1957, com 15 anos de exercício sacerdotal. E essa não foi a primeira vitória na história da família desse mineiro de Córregos, uma cidadezinha com menos de 150 casas e que já deu 22 filhos para a vida religiosa. Em 1945 sua irmã quis entrar para um convento e foi recusada por ser negra, só depois de muita insistência e peregrinação encontrando uma ordem disposta a recebê-la.

Dom José Maria Pires é bisneto, pelo lado materno, de um escravo africano e de uma índia e, pela ascendência paterna, de portugueses. Isso explica seus sobrinhos de pele clara e cabelos loiros, quando ele possui a tez suavizada na cor, embora sua mãe seja bem "morena".

O relacionamento de Dom José como bispo ne-

gro numa comunidade com predominância de brancos é o melhor possível. O povo o adora e faz questão de assistir às suas prédicas, das quais não constam os problemas raciais por não existirem na diocese. "A questão do racismo no Brasil é mais de ordem econômica, em virtude de, após a abolição da escravatura, os negros terem ficado marginalizados, sendo considerados seres inferiores. E no sistema vale quem tem dinheiro, o elemento que abre as portas do mundo para pessoas de todas as raças", diz ele.

Entrando no seminário aos 11 anos para "cumprir com vocação de servir ao povo" ("descobri que isso significava servir a Deus"), dom José escolheu Diamantina para local do seu aprendizado e onde, "por ser um núcleo de mineração, com grande número de trabalhadores negros", inexistia preconceito racial. Ordenado aos 22 anos e 11 meses, foi enviado a uma paróquia em que a população negra também era grande e na qual a sua presença não causou surpresa.

Aos 38 anos o padre José Maria Pires passou a bispo e recebeu dos companheiros de turma o apelido de **Dom Pelé**, por sua semelhança física com o futebolista. Coincidentemente, foi nomeado para exercer o bispado em Araçuaí, uma cidade mineira localizada numa região marcada pela presença negra. "Acredito que, se tivesse sido enviado para o sul, viesse a ter problemas por causa da minha cor e pelos quais nunca passei em Minas ou em João Pessoa, para onde fui transferido em 66".

Aos 58 anos e com 20 de bispado, Dom José não tem mais o privilégio - ou o estigma - de ser o único bispo negro do Brasil. Em Juiz de Fora (Minas Gerais) e Bonfim (Bahia), estão trabalhando dom Jaime e dom Altino, dois sacerdotes que, a exemplo do mineiro dom José e de São Benedito, resolveram mostrar, através do trabalho religioso, que as atividades pastorais não devem ser medidas pela cor da epiderme dos que a realizam.

UMBANDA, A UNIÃO APARENTE DE BRANCOS E NEGROS

O **babalorixá** Mário Miranda - mais conhecido nos meios de umbanda como **Maria Aparecida** - é um dos **pais de santo** mais conhecidos no Recife, onde está localizado o seu Palácio de Oxum Cecy. Com 400 **sócios**, o terreiro de Mário tem **filiais** em João Pessoa, Campina Grande, Fortaleza, São Paulo, Brasília, Goiana e Natal.

Com 47 anos de idade e 22 de umbanda, **Maria Aparecida** já tem **tataranetos** na seita e explica como isso é possível: "minha casa tem 2 mil filiados em todo o Brasil e cada vez que um deles **faz o santo** comigo e abre **casa de toque**, adquire novos filhos, que passam a ser meus **netos** e a continuar a descendência".

Eleito **rei da umbanda** por votação popular, em 1974, **Maria Aparecida** segue a linha do candomblé de Moçambique e a maioria dos seus **filhos** é de raça branca. "Antigamente só os negros frequentavam os terreiros, hoje está tudo muito **moderno** e tanto faz o **filho de santo** ser de pele escura ou clara. Também a cor do **babalorixá** ou da **ialorixá** (mãe de santo) não tem importância para os seguidores da seita: eles creem é na **umbanda** e não apenas na cor do **pai** ou da **mãe**".

A única restrição que **Maria Aparecida** encontra é em relação à chamada classe "A" que, independente da raça, geralmente se envergonha de comparecer às festas do terreiro, com medo de ser identificado como **macumbeira**. Em Pernambuco existem 4 federações umbandistas, cada uma com cerca de 4 mil filiados. No total, uma média de 500 **babalorixás** e **ialorixás** têm **casas de toques** ("isso aqui está **empestado** de umbandistas", diz Mário), seguindo as **linhas** (nações) nagô, angola, gêge, chamber e moçambique.

Conhecido nos meios carnavalescos e de umbanda sob o cognome de **Maria Aparecida**, Mário Miranda justifica o apelido como sendo consequência da sua filiação a Oxum, a Nossa Senhora Aparecida dos católicos. Adotado há muitos anos, o heterônimo passou a ser encarado como parte da personalidade do **babalorixá**, a ponto de poucos acreditarem que ele realmente é **casal** e pai de uma garota.

Mário Miranda tem abertas para si as portas de lugares **grã-finos** e nunca enfrentou problemas raciais, reconhecendo que isso talvez se deva à sua popularidade como pai de santo e desfilante do tradicional clube carnavalesco Amante das Flores, trocado desde o ano passado pelo Maracatu Cambinda Estrela.

MARACATU, DANÇA DE NEGROS E ESCRAVOS

Surgidos há 300 anos, os maracatus pernambucanos são reminiscência das grandes **nações** africanas que tiveram seu poderio e esplendor destruídos pelos navios negreiros. **Maracatu**, segundo o pesquisador Guerra Peixe, é palavra africana entendida na acepção de **batuque**, assim como **maracatucar** exprime a ação de praticar o maracatu, tal como batucar anuncia o ato de fazer batuque. Daí **Maracatu Cambinda Velha**, por exemplo, para significar “Batuque (da Nação) Cambinda Velha” e, por extensão, **maracatu** nomear o cortejo ou **nação**, recebendo tratamento sinônimo na voz popular.

No século XVII a coroação do **rei e rainha do Congo** era uma tradição entre os negros escravos e Guerra Peixe, no seu “Maracatus do Recife”, aponta o negro Henrique Dias, herói pernambucano durante a expulsão dos holandeses, como o primeiro “Governador dos criolos e pardos”. Henrique Dias morreu em 1662 e teria recebido a comenda de Felipe IV, rei da Espanha e regente de Portugal.

A partir do início do século XIX, a instituição do **rei do Congo** entrou em decadência, desaparecendo por volta de 1850 e sendo substituída pelo **culto dos Congos**, uma espécie de “peça” teatral representada principalmente pelos africanos escravos. Com o desaparecimento da escravidão, o **culto** ou **auto dos Congos** foi caindo em desuso até à completa extinção, restando apenas a música, as cantigas africanizadas e o cortejo, que deram origem ao maracatu.

As primeiras agremiações foram o Leão Coroado, Elefante, Estrela Brilhante, Cambinda Estrela, Oriente e Porto Rico, que assumiram, a partir do início do século XX, papel marcante no carnaval pernambucano. Depois da I Guerra Mundial, as **nações** tradicionais, também conhecidas como **maracatus de baque virado** ou **baque dobrado**, passaram a receber influência dos **maracatus de baque solto** ou **de trombone**, formado por negros vindos da zona rural e sem ligações com os antigos **reis do Congo**.

Os **maracatus de baque solto** recebem essa denominação em virtude da característica dos seus toques, que não possuem o sincopado dos tradicionais e chegam a lembrar o andamento de uma marcha. Usam trombone e outros instrumentos de sopro nas orquestras, enquanto, nos **maracatus de baque virado** ou **baque dobrado**, a orquestra é composta de gongué, tarol, caixa-de-guerra, zabumbas e, algumas vezes, ganzá.

Das dezenas de **maracatus de baque solto** existentes no Recife do início do século, apenas restam o Estrela do Monte, Águia de Ouro, Estrela da Tarde, Cruzeiro do Forte, Leão da Aldeia e Leão da Serra. Dos tradicionais, o número de sobreviventes ainda é mais reduzido e resumem-se ao Leão Coroado, Estrela Brilhante, Porto Rico do Oriente, Cambinda Estrela e Indiano. Entre os **maracatus de baque virado** só o Leão Coroado, fundado em 1863, e o Estrela Brilhante (1910), são realmente herdeiros das folganças dos **cultos dos Congos** e continuam, apesar dos problemas financeiros e da desatenção das autoridades, formando uma pequena **nação** em que os cargos do cortejo são transmitidos por hierarquia e onde se faz ainda presente o passado dos antigos **reis do Congo**.

“Cruzeiro do Norte
Estrela do Sul
Sustenta a pancada
do Maracatu”

“Dança de negro, música de negro, tradição de negro”, o maracatu pernambucano recebe a definição do poeta Ascenso Ferreira de que “não é clube, é Nação” e como tal desfilava, nos idos de 1928, o **Elefante** — que teve como **rainha** a famosa **Dona Santa** e foi extinto após a morte desta, em 62. Os to-

tens, o porta-estandarte, o baliza, o corneteiro, o secretário e os caboclos iam à frente do séquito; os que possuíam cargos honoríficos, bem como as **calungas**, damas-de-paço e soberanos, marchavam ao centro; as baianas rodeavam o grupo central e algumas delas (as damas de frente) integravam-no. Os lanceiros, organizados em duas fileiras e tendo ao lado o **brasabundo**, caminhavam atrás; os batuqueiros, finalmente, colocavam-se mais apòs, encerrando o agrupamento.

“DO SEU NEGRINHO PEDRO”

Saindo dos canaviais e casas-grandes e elevando-se nas categorias sociais, o negro brasileiro entrou também para o folclore (e não apenas para sua música, religião e comidas). A própria língua portuguesa falada no Brasil foi enriquecida com a contribuição do negro: acarajé e angu, banguê e batuque, cachaça e cafuné, dengoso e dunga, engabelar e Exu, fubá e fulo, guandu e gambá, ieiá e inhame, jerebita e jiló, papagaio e patuá, samba e senzala, tanga e tutu, vatapá, xangô, zabumba e zebra, foram vocábulos trazidos pelos escravos africanos.

Além da sua participação no folclore nacional, o negro criou também um **folclore** todo próprio e para o qual muito contribuiu a rivalidade entre ele e o branco. Assim, surgiram expressões como “em negócio de branco negro não se mete”, “o maior defeito do negro é não ser branco”, “filho de branco é menino, filho de negro é moleque”, “negro em pé é um toco, deitado é um porco”, “negro não tem cabeça, tem é quengo”, “prato de negro é gamela”, “negro só entra no céu por descuido de São Pedro”, “juízo de negro é na sola dos pés”, “negro ensaboado, tempo perdido, sabão desperdiçado”, “negro de luva é sinal de chuva”, “se negro fôsse coisa de se gostar, todo mundo andava com um urubu debaixo do braço” ou “negro só é gente quando está no banheiro - quando batem na porta, ele diz: tem gente”.

Essas expressões, recolhidas pelo etnólogo e pesquisador Mário Souto Maior, dizem respeito aos adágios criados pelos brancos. Vejamos como o negro revida essa agressividade: "negro quando furta é ladrão, branco é barão", "a sujeira do branco sai com o dinheiro", "branco rico nunca é feio", "café é preto e todo mundo gosta", "quando morre, o branco apodrece do mesmo jeito" ou "papel é branco, mas aceita tudo que se escreve nele".

Entre a rivalidade jocosa, proverbial e filosófica dessas frases e o denigo e carinho expressos na corrente mais popular da palavra **negro** - destaca Souto Maior - "fica comprovada a inexistência de uma rivalidade racial entre o povo brasileiro. **Minha nega, neguinha**, significam amor e carinho na boca dos brancos e mesmo dos próprios negros quando dialogam com a mulher amada. Até mesmo Dom Pedro I, regista Câmara Cascudo, quando escrevia suas cartas e seus bilhetes à Marquesa de Santos, terminava sempre com a observação: "do seu **negrinho** Pedro".

Na análise do falecido sociólogo Renato Carneiro Campos, de tradicional família de senhores de engenho, "o negro no Nordeste não se considera um estrangeiro em relação ao grupo branco. É que não existe nele um **corpo negro**, mas um **corpo branco**, ou melhor, um **corpo moreno**." Daí não existir, pelo menos nessa região de canaviais e sertões, algo que se possa classificar como **preconceito racial**.

Existe, isto sim, uma **discriminação social** que atinge brancos e negros com a mesma força e que faz com que as portas da sociedade lhes sejam fechadas. Sempre que um deles consegue destaque econômico ou cultural, porém, um **abre-te sésamo** miraculoso torna amigos e acolhedores os mesmo lugares e as mesmas pessoas que antes os encaravam meio de revés.

Uma **democracia étnica**, como o classifica Gilberto Freyre. Um país em que a discriminação atinge apenas às contas bancárias e não à cor da epiderme dos indivíduos, para outros. De fato, porém, o Brasil combate o preconceito racial ("todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas", garante a Constituição) mas não evita o preconceito social. Tolerado apenas quando ascende às camadas econômico-culturais superiores, o negro permanece escravizado a sua condição servil, quase 90 anos depois de ter sido proclamada a Lei Áurea. Quantas leis e quantos Nabucos, afinal, precisarão existir antes que, definitivamente, sejamos todos iguais, brancos ou negros?

“Noite dos Tambores” em Igarassu, p. a14.

“Noite dos Tambores” em Igarassu

A “Noite dos Tambores Silenciosos”, promoção que se realizava todos os anos, no segundo dia de carnaval, no Pátio do Terço, poderá ser reallizada, este ano, na cidade de Igarassu, diante da mais antiga igreja construída em Pernambuco e talvez no Brasil, a de São Cosme e Damião.

Esta é pelo menos a intenção da Secretaria de Turismo daquela cidade, a atriz e radialista Rosa Marla, que está procurando entrar em contato com o jornalista Paulo Viana, idealizador da promoção. A Noite dos Tambores Silenciosos, reunindo os Maracatús do Recife, é uma homenagem aos negros que morreram sem conhecer a liberdade. Nos últimos anos,

ela não vinha se realizando.

Esta promoção, única no país, que recebeu inclusive cobertura de toda a imprensa nacional, desapareceu diante da falta de apoio dos órgãos encarregados de “promover” o carnaval do Recife. Preocupados em realizar desfile para turistas e não carnaval, os “organizadores” retiraram os maracatús que costumavam desfilar na segunda-feira, impedindo assim a concentração no Pátio do Terço.

EMPETUR

A Empetur, ao tomar conhecimento das intenções da secretaria de Turismo de Igarassu, também está de-

sejando manter contato com o jornalista Paulo Viana, a fim de evitar que a Noite dos Tambores Silenciosos deixe de se realizar no Recife, como vinha se tornando tradição.

Um dos assessores da Empetur, o sr. José Ricardo, disse que de maneira nenhuma o carnaval recifense poderia se esvaziar, permitindo que uma das cerimônias mais bonitas do carnaval, seja levada para outro Município.

A decisão final do assunto está dependendo apenas da resolução a ser tomada pelo jornalista Paulo Viana, que desgostoso com o desprestígio que se dá as mais caras tradições recifenses, afastou-se definitivamente de qualquer atividade carnavalesca.

Samba e frevo no gosto popular, p. a14.

Samba e Frevo no gosto popular

Diversas pessoas ouvidas ontem no centro do Recife, manifestaram suas opiniões a respeito do ritmo que mais preferem para brincar o carnaval-78: samba ou frevo. Enquanto o frevo está acabado, para uns, para outros ele é insubstituível.

Carlos Rascigno, de 63 anos, diz que já brincou muitos carnavais, e com saudades relembra os seus bons tempos: "O carnaval foi bom até 1934 ou 35. Naquele tempo o carnaval era muito mais animado e atingia as ruas Imperatriz, Nova e da Concórdia. Já se dançava algum samba, mas o bom mesmo era o frevo. Ainda hoje, que não pulo mais, eu gosto mais de ver escolas de frevo, do que de samba. O frevo é mais sangue, mais animação".

Desta opinião não compartilham os jovens Lindomil Ferreira Costa, de 18 anos, e Ângela Maria de Paula (20 anos). Para estes, o

bom mesmo é o samba. Ângela disse: "Gosto mais do samba. Fico maravilhada quando vejo os "Gigantes do Samba" e ouço os seus samba-enredos. Nos clubes eu também prefiro samba, mas um pouco de frevo também é bom porque a gente não deve ser egoísta. Tem muita gente que gosta de samba, mas também muitos gostam de frevo. Por isso, prá todo mundo ficar contente é bom um pouco dos dois".

A impressão que se tem é que os mais antigos preferem o frevo e os jovens o samba, porém não é isso o que acontece. A jovem Maria de Fátima S. da Silva, por exemplo, foi taxativa: Eu prefiro o frevo, tanto na rua, como nos clubes. Carnaval pernambucano é frevo para ferver o sangue da gente. O samba fica para quem não sabe dançar ou não conhece o frevo".

Outro entrevistado que compartilha com esta opinião é Francisco

Canindé da Silveira, de 24 anos. Embora jovem, ele prefere o frevo mais por tradicionalismo: "Gosto do frevo porque é nosso. É pernambucano. Para nós tendo frevo é melhor. O que acontece — criticou ele — é que as rádios, durante o ano todo, só tocam samba e não divulgam mais o nosso frevo".

Entretanto, outro jovem de 21 anos, Ivaldo Ramos Cavalcanti, deu o seu veredito: "O frevo acabou; o negócio agora é samba e não adianta a gente querer frevo, porque não vai mais ter mesmo. Eu não sei dançar frevo, mas analisando os ritmos vejo que o samba sai ganhando. Samba, por exemplo, é para o ano inteiro, enquanto que frevo é só para o carnaval. E quando chega o carnaval a gente só vê um ou dois frevos com letras ou melodias que agradam, enquanto que samba a gente ouve a toda hora e de boa qualidade".

Estudantes desfila na Paraíba

A Escola de Samba Estudantes de São José, que permanece disposta a não desfilas neste Carnaval, por falta de condições, aceitou convite para animar o primeiro grito de Carnaval de Campina Grande, no próximo dia 21, na prévia que será realizada no Clube dos Caçadores.

Os dirigentes da escola alvirru-bras já garantiram a presença em Campina Grande de sua bateria bicampeã do Carnaval pernambucano,

rainha do Carnaval, e da ala das diabólicas, que está causando uma verdadeira sensação nos ensaios realizados todas as sextas-feiras. Isso porque, mesmo ausente do Carnaval, Estudantes tem promovido, todas as sextas, o seu tradicional "sambão".

DESFILE

O presidente Valdeque Melo adiantou, ainda, que "tudo indica que Estudantes de São José estará se a-

presentando em Campina Grande durante a semana pré-carnavalesca, desfilando nas avenidas da importante metrópole paraibana, com sua bateria, suas principais alas e seus principais destaques".

A ida de Estudantes a Campina Grande deveu-se a contatos mantidos com o sr. Adriano Costa, e vem contando com a colaboração do jornalista Francisco de Assis, conhecido por "Olé", uma figura ligada à cultura artística de Campina Grande.

Premiado compositor de Estudantes, p. a5.

Premiado compositor de Estudantes

Apesar de não desfilar no Carnaval do Recife este ano, a Escola de Samba Estudantes de São José já ganhou o seu primeiro título do ano: o compositor Edvaldo Lemos Uchoa venceu, com o samba "Nossa Libertação", o 2.º Festival Oficial de Samba em Pernambuco, realizado na cidade de Jaboatão.

Edvaldo ganhou também o título de melhor compositor e de melhor intérprete defendendo o samba que fala da expulsão dos holandeses e da batalha de Guararapes. O festival foi uma promoção do Grêmio Litero, Esportivo e Musical Rebeldes e contou com a participação de compositores de oito escolas de samba. Ed-

valdo fez o samba para ser cantado pela escola em suas apresentações, que têm como tema de figurino o mesmo título do samba vencedor.

O SAMBA

Foram flechas e tacapes
Ferindo o invasor
E a "Senhora dos Prazeres"
Pedra em bala transformou..

[(Refrão)]

Na Passarela...
Na Passarela iluminada
Nesta noite engalanada
"Estudantes" vem lembrar
A "Senhora dos Prazeres"
Com a sua bondade
Conseguiu nos libertar... (Bis)

André Vidal de Negreiros
Henrique Dias e Felipe Camarão
Mais João Fernandes Vieira
Formaram a insurreição.

Foram flechas e tacapes
Ferindo o invasor
E a "Senhora dos Prazeres"
Pedra em bala transformou...
[(Refrão)]

Lá nos Montes Guararapes
A vitória nos sorriu
Pois Pernambuco Guerreiro
Com muita fé conseguiu
E a festa..
A festa da pitomba
Foi feita para celebrar
A expulsão dos Holandeses
Conseguida n'aquela lugar.

Problemas do carnaval, opinião, p. a11.

Roberto Mota / Problemas do Carnaval

Sebastião Vila Nova fala sobre o Carnaval. Ele próprio conversou antes com Evandro Rabelo. As informações que me transmite e pede que divulgue refletem a preocupação de muitos recifenses. Inclusive de Gilberto Freyre, que já se pronunciou sobre o assunto.

O Carnaval popular está muito burocratizado. Sofre, por assim dizer, acentuado processo de "passarelização". E daí o aumento das "escolas de samba", em oposição aos blocos e outras agremiações, mais tradicionais e mais pernambucanas.

Porque as "escolas de samba" são mais baratas, mais "passarelizáveis" do que os blocos. Exigem menos orquestra, menos músicos, menos conjunto. Menos investimentos, lucros mais fáceis.

Nem é preciso dizer que o grande artesão do carnaval, o músico, sai muito prejudicado. E não é só no Carnaval de rua. Nos clubes também. Aqui no Recife todos, ou quase todos, contrataram conjuntos cariocas. O maes-

tro Guedes Peixoto vai para o clube do Cabó Branco, João Pessoa.

As associações tradicionais possuem muitas funções não carnavalescas. Auxílio mútuo, solidariedade popular, garantem até os funerais. No carnaval se manifestam com toda a força. A festa reafirma a estrutura e a função.

Não sou carnavalólogo, o que lamento. Mas posso conferir a exatidão desses fenômenos, julgando pelos cultos populares da minha própria pesquisa. Também neles existem muitas funções, Manifestas e latentes. A religiosa é só uma. Esta, aliás, presente nas agremiações do Carnaval. O bom folião não dança sem ordem de Santa Bárbara. A santa fala pelos "búzios".

E os cultos se alteram pela influência da Umbanda. Ficam "carioquizados". Os rituais abreviados. Os conceitos simplificados. As melodias sem a enganadora facilidade da escala pentatônica dos nagô e de antiquíssimos modos nordestinos. Em algumas casas se mistura Exu com Pomba Gira, ó heresia.

O que é que se pode fazer? Será que nada? É difícil controlar processos de mudança, por mais desagradáveis que pareçam. Ou deter doenças degenerativas. Mas vou voltar às observações de Evandro e Vila Nova. Se fosse o povo a trocar o frevo pelo samba, eu não gostava, mas calava. O povo é rei. Mas não é ele. É a burocracia. A burocracia está trabalhando contra o povo. Ela castiga os bons, premia os maus mesmo quando dá só passarela.

Tudo isso precisa de ser estudado com profundidade por sociólogos e antropólogos. Porque por aí passa toda a história recente de Pernambuco e do Brasil. Talvez fosse bom acompanhar as agremiações fora do tempo do Carnaval. Observar sua importância na vida quotidiana das pessoas. O aparentemente gratuito e arbitrário da festa e do carnaval não desce do céu todo feito e todo pronto. Está enxertado, está agarrado ao prosaico da vida de todo dia. E aí eu não sei se Carnaval significa desestruturação ou reestruturação. Ou ambos ao mesmo tempo. A contradição, dizia não sei quem, é a raiz de todo movimento e até da própria vida.

“Donzelas” dão grito de carnaval amanhã, p. a5.

“Donzelas” dão grito de carnaval amanhã

As “Donzelas de São José” estão dando grito de carnaval, amanhã a partir das 20 horas. E o ensaio-geral que realizam no Clube da Compesa, na Rua dos Navegantes, 2621, em Boa Viagem, preparando-se para o desfile de domingo, na abertura da semana pré-carnavalesca do Recife.

As “Donzelas de São José” contam, neste ensaio-geral, com uma bateria de 30 elementos, vindos da “Turma do Saberé”, “As Perdidas de São José”, “Os Fofinhos”, “Os Donzelos” e “As Traquinhas”. A apresentação é para convidados especiais e jornalistas.

Este ano “As Donzelas” vão desfilar no domingo 29, vestidas de ciganas — em tonalidades vermelha e branca — que são as cores oficiais da escola. Sairão da Rua dos Pescadores em São José, às 12 horas e desfilarão pelas ruas locais e dos bairros de Santo Antonio e Boa Vista, acompanhadas por uma bateria de 30 batuqueiros. São 100 garotas, que arrastarão muitos foliões para revirar o Recife e paralisar o trânsito. O ano passado foi assim. Elas saíram no domin

go da semana pré-carnavalesca, e terminaram tumultuando o tráfego, dada a multidão que acompanhava a escola.

Este ano as “Donzelas” trazem uma novidade: o samba enrêdo, que leva o título de “Epopéia de Luz”, e tem a seguinte letra: “Até parece que o Sol/Abriu seus raios de luz/Enchendo os céus de esplendor/Numa epopéia de luz” (refrão). É que ele viu/Cá na terra, as formosas/Donzelas de São José a sambar.../Então num gesto de amor/Abriu seus raios/Que lindo dia ficou — Donzelas, meninas, moças tão belas/que dentro da passarela/tudo beleza traduz.../Donzelas, vistosas da cor de canela/por serem assim tão belas/Todo meu bairro seduz — Oh, sol As Donzelas/Te agradecem pelo domingo que destes “Tão lindo e cheio de luz”. A letra e música é de Edvaldo Lemos Uchôa, autor do “Hino das Donzelas de São José” que foi a principal composição apresentada por elas o ano passado.

As “Donzelas de São José” estão completando um ano de atividades e muita badaição.

Compositor reclama de escola, p. a5.

Compositor reclama de Escola

O autor do samba "Gente Inocente" João Batista Cabral, disse ontem que "está de briga" com Neusa, a presidente da Escola de Samba Gente Inocente, explicando que esta, embora tenha recebido as verbas da Emetur, da Prefeitura e do Poder Legislativo, não quer mandar confeccionar o traje de que ele necessita para cantar sua criação durante os desfiles no Carnaval.

A composição é a primeira de João Batista, que está iniciando a carreira de compositor carnavalesco. Do bairro dos Coelhos, ele afirma que todo o pessoal da escola gosta do seu samba, inclusive já foi cantado em duas apresentações para a Emetur: "Mas, eu não estou em condições de fazer a roupa para o Carnaval e a presidente não quer me auxiliar, como é obrigação dela, pois recebeu verba para isso. Eu compus o samba, ensinei o pessoal a cantá-lo e agora fico na iminência de não poder participar, cantando-o

nos desfiles, por causa do capricho dela. Acho isso bastante injusto". João Batista Cabral disse que muitos colegas da Escola de Samba Gente Inocente estão com ele, ou melhor, partilham da opinião de que a presidente deve auxiliá-lo, e que se o caso não for logo resolvido poderá causar cisão entre os foliões.

O samba de João Batista, que poderá não ser cantado por ele, caso não obtenha as roupas, é bastante patriótico e exalta o Brasil e o Recife na seguinte letra: "Exatamos na avenida/ a glória de uma nação/ Inocente preferida/ Começo de uma geração/ Brasil Glória inocente/ Brasil! Brasão de luz/ Brasil! Eterna glória/ Brasil! Que me seduz. / Em Recife encontro/ O reino do mar/ Com espaço minha gente/ Prá inocente sambar. / Sou mais forte que a morte/ Sou um pingo de luz/ Sou Brasil inocente, Sou da terra da cruz."

Diário de Pernambuco 26/01/1978

Passarela tira o lugar do povo pelo carnaval, Paulo Fernando Craveiro, p. a6.

* Se não fosse um homem pacífico e musical, o compositor Lourenço (Capiba) Sabosa dinamitaria a passarela carnavalesca da avenida Dantas Barreto.

Ele defende a tese, que é também a do escritor Gilberto Freyre, de que a extrema organização da festa termina por inibi-la e desaquecê-la.

Diz o autor de *Maria Betânia*:
— Lamento que ainda continue de pé a passarela da Dantas Barreto, tirando a vez do carnaval-participação. Não existe aqui um desfile luxuoso como o do Rio de Janeiro e o povo fica sem espaço pulando e dançando nos cordões carnavalescos.

Saberé desfila de mandarim, p. a4.

Saberé desfila de Mandarim

A Escola de Samba "Saberé", já com 18 anos de atuação no carnaval recifense, volta este ano a animar os bairros de São José e Santo Antonio, com 650 figuras, ostentando a fantasia de Mandarim. A música-tema da Escola é da autoria do jovem compositor Edvaldo Lemos Uchoa, campeão do último concurso II Festival Oficial de Samba de Pernambuco, com a música "Nossa Libertação", samba-

enredo da Escola Estudantes de São José.

"A Turma do Saberé, não pede subvenção e faz questão de desfilar com os seus próprios recursos, evitando assim oficializar-se, porque considera importante o apoio do povo quando passa pelas ruas. Este ano, por exemplo, cada componente pagou Cr\$ 500,00 pela sua fantasia, que, sem dúvida, surpreenderá pelo seu ine-

ditismo e beleza", disse Edvaldo.

Para manter a tradição, Saberé desfila cantando música de Edvaldo Lemos Uchoa, o seu mais importante compositor. Desde que foi fundada, a Escola leva às ruas, as músicas e fantasias de Edvaldo, que é visto pela crítica como um dos mais importantes nomes da nova geração pernambucana.

Bairro de São José faz jus à tradição, p. a4.

Bairro de São José faz jus à tradição

Texto: ANA MARIA GUIMARÃES
Fotos: RODGER RODRIGUES

Em todas as residências as famílias vibram com a festa e a maioria dos seus membros participam de algum clube, os muitos do lugar. Batutas de São José, Donzelos de São José e Traquinas de São José, terão carros alegóricos.

OS CARROS DE BATUTAS

Numa oficina do 13 de Maio dois carros alegóricos estão sendo cuidadosamente preparados. Waldir Francisco Gomes foi contratado especialmente para este trabalho, que executa com precisão, podendo ser considerado um especialista. Há muitos anos ele lida com essas coisas e já está acostumado. Embora não quisesse dizer por quanto foi contratado, ele não se fez de rogado para explicar que uma das alegorias que está sendo montada em cima de uma chassi de Volkswagen, representará um parreiral do Rio Grande do Sul, e, outro, uma churrasqueira, também gaúcha. No primeiro carro, desfilarão algumas moças, caracterizadas de plantadoras de uva e, no segundo, ro bustos varões assando carne. "Estou usando papel laminado de todas as cores, empastelamento e tinta paredex. Para terminar um trabalho como esse são necessários no mínimo, 10 dias, dando tempo integral", acrescentou.

DONZELOS DE SÃO JOSÉ

Estão inscritos 250 donzelos, com idades entre 3 e 70 anos. O mais novo "donzelo" sairá no carro alegórico, que representa a taberna de Daniel Boone (conhecido personagem de um seriado da televisão) e é um garoto de três anos e meio, filho de um outro "donzelo" que já passou dos 30. Jácaré do Pina é o mais velho, com 71 anos. A

fantasia é uma só para todos eles: O traje de Daniel Boone, com chapeuzinho e bolsinha do lado, nas cores vermelho e branco. A despesa ficou em torno dos Cr\$ 150 mil dos quais Cr\$ 6 mil para o carro, que também foi feito por Waldir Francisco. A saída está marcada para às 11 horas da segunda-feira de Carnaval, do bar Pasquim, na rua da Concórdia, 842. A bateria está a cargo de Arlindo e Walter. Mas, os Originais do Samba, amigos do Walter, prometem sair com eles e virão de João Pessoa para cá no dia do desfile; hoje, à noite, tirarão as medidas para as fantasias. Também o conjunto recifense Samba-5 desfilará. Aderaldo Filho, um dos donzelos, prestou todas essas informações, disse também que para conseguirem dinheiro eles venderam chapéus, camisas e promoveram sambões na sede de Estudantes S. J. que este ano irá animar o Carnaval de Jaboatão. Walter tem 25 anos, trabalha numa firma transportadora e tem uma namorada de 15 anos, Cláudia Rejane, que desfila nas Traquinas de São José.

AS TRAQUINAS

A primeira escola de samba exclusivamente feminina, tem as cores amarela e preta, e até mesmo as batuqueiras são do "sexo frágil". No Carnaval-78, 200 odaliscas sambarão pelas ruas esbanjando alegria e muita categoria. A roupa para cada uma delas foi 600,00 e se compõe de: bustiê preto e bolero amarelo; saia amarela com pala preta e correntes douradas; lenço preto com correntes na cabeça e um veu amarelo cobrindo o rosto. As sandálias são douradas. A diretora das Traquinas é a senhora Cândida Rosa V. Vilela (ela tem um filho que

é dos Donzelos) e os carros são feitos em sua residência, na Avenida Dantas Barreto, 1230. Aliás, é de lá que sairão as "traquinas" domingo, às 23h30m. Os instrumentos são próprios e as batuqueiras vestirão a fantasia substituindo as saias pela calça comprida. O destaque é a porta-bandeira Ma. Goreti Caminha, de 15 anos. A maioria das moças são meninas e senhoras, namoradas, esposas e mães dos "donzelos"; assim, cada clube sai no dia; ficando mais fácil o acompanhamento. Na rua de Cândida, por exemplo, filam ela, sua cunhada Nana e sua sobrinha Glória nas Traquinas e nos Donzelos seus irmãos Atila (marido de Nana e pai de Gizele) e Fernando, além de Nelson Fernando o seu irmão.

NA TERÇA É O ESPALHA

Na terça-feira de Carnaval a bagunça é maior. O bloco "Espalha" que este ano contará com um tróletrônico vindo especialmente de Salvador. O seu diretor é o conhecido Biúda, que mora no bairro de São José, mas atualmente se encontra em Salvador, vindo todos os anos brincar no Recife. Na terça 78 ele não hesitará. O carro alegórico foi feito aqui e o instrumento virá de lá. O estandarte será vermelho e branco. Há 15 anos que o clube sai e se tornou popular. São homens vestidos com calças marron e amarela, fita de cabelo e colar. Aderaldo Donzelos, é uma espécie de relações públicas, pois é o futuro genro do Biúda, é, logicamente, o pai de Cláudia Rejane. As letras das marchas cantadas pelas filhas do Espalha são inimitáveis por razões óbvias. A saída está prevista para às 15 horas da terça-feira, no bar Escalada, na Avenida Dantas Barreto.